

# O NEOCOLONIALISMO E A POESIA ENGAJADA: APONTAMENTOS ACERCA DA OBRA DE JOSÉ CRAVEIRINHA E NOÉMIA DE SOUZA

Cristina Fernandes Moreira Aguiar<sup>1</sup>

Luís Tomás Domingos<sup>2</sup>

## RESUMO

As expressões artísticas constituíram recursos importantes utilizados por intelectuais e artistas africanos a fim de denunciar as várias formas de opressão e de espoliação praticados pelos colonizadores europeus. Os poetas moçambicanos José Craveirinha e Noémia de Sousa destacaram-se por denunciarem, através de suas poesias, o que acontecia com os nativos e como reagem à exploração e à violência europeia. Ademais, esses escritores desenvolveram em suas obras um profícuo trabalho de construção de uma moçambicanidade, afastando-se dos costumes e valores europeus tão propagados e valorizados pelos colonizadores. Para isso, analisamos uma parte das poesias de ambos para compreender como os intelectuais, especificamente os poetas, reagiram ao processo de espoliação sofrido pelo seu povo. A escolha de um poeta e de uma poetisa não resultou de uma coincidência, mas deu-se justamente na tentativa de destacar o protagonismo das mulheres africanas ao denunciarem a violência para com os povos da África.

**Palavras-chave:** José Craveirinha. Moçambique. Neocolonialismo. Noémia de Sousa. Poesia.

## ABSTRACT

Artistic expressions were important resources used by intellectuals and artists from different countries in Africa in order to denounce the various forms of exploitation and violence practiced by European colonizers in relation to African natives. The mozambican poets José Craveirinha and Noémia de Sousa stood out for denouncing through their poetry what happened to the natives, how they reacted to the exploitation and violence of Europeans. For this, we analyzed a considerable part of the poetry of both in order to understand how intellectuals, in this specific case, how these Mozambican poets reacted to the process of dispossession suffered by their people. Furthermore, the choice of a poet and a female poet was not a coincidence, but it took place precisely in an attempt to highlight the role of African women in the attempt to denounce violence against the peoples of Africa.

**Keywords:** José Craveirinha. Mozambique. Neocolonialism. Noémia de Sousa. Poetry.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (2011). Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará (2015). Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes (2020). Curso em andamento de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pelo Seminário Maior de Santo Agostinho em Moçambique. Graduado em Sociologia pela Universidade de Paris 8, França (1996) e graduado em Etnologia pela mesma universidade no ano de 1997. Mestre em Antropologia e Sociologia da Política e do Desenvolvimento - Universidade de Paris 8 (1998). Doutor em Antropologia e Sociologia da Política pela Universidade de Paris 8 (2002). Pós-Doutor pela Universidade Federal do Ceará (2020).

## 1. INTRODUÇÃO

É importante destacar que nos mais variados campos artísticos houve a marcante presença de artistas e escritores que se manifestaram contra a dominação da África. Ao utilizarmos a expressão “dominação da África”, estamos nos referindo ao período que corresponde ao final do século XIX e início do século XX, quando as principais potências europeias, nos dizeres de Uzoigwe (2010), “retalharam” o continente africano.

Em termos historiográficos, esse processo foi chamado de Novo Imperialismo ou Neocolonialismo.<sup>3</sup> Para entender o Neocolonialismo, nós priorizamos o ponto de vista dos nativos. Nesse sentido, as expressões artísticas, de uma forma geral, constituíram recursos importantes utilizados pelos intelectuais africanos para denunciar as várias formas de exploração e de violência aplicadas pelos colonizadores europeus sobre os povos da África. Essas manifestações dos artistas e intelectuais em relação à exploração europeia ocorreram em vários países da África, não tão somente em Moçambique.

Todavia, nós escolhemos analisar a produção poética de José Craveirinha e Noémia de Souza, ambos moçambicanos, primeiramente por serem dois poetas oriundos de um país lusófono. Ademais, a escolha de poetas de gêneros diferentes deve-se ao nosso interesse em mostrar que as mulheres africanas exerceram um protagonismo quanto à análise e à crítica ao imperialismo europeu no continente africano. Além de Noémia de Souza, podemos citar Paulina Chiziane, Odete Semedo, Alda Espírito Santo, Conceição Lima como algumas poetisas africanas que representam o que chamamos de poesia engajada, poesia crítica, ou seja, atenta aos problemas sociais, políticos e econômicos; nesses casos, diretamente relacionados à dominação do continente africano.

Os estudos de gênero se constituem concomitante à história recente do ensino superior no país, ligada à resistência ao regime colonial e à agenda das mulheres na luta de libertação que foi se consolidando na luta dos movimentos no decorrer das últimas décadas e, posteriormente, na construção do Estado no pós-independência. (GASPARETTO, 2020, p.13).

Destarte, conforme destaca a professora Vera Gasparetto, o campo de estudos de gênero ainda está em construção, entretanto, as produções acadêmicas femininas no continente africano têm como marca a associação a outras questões maiores que envolvem colonialismo, Estado, política, cultura, identidade, entre outras. Os estudos das relações de gênero, de forma geral, primeiramente surgem no da década de 1960 tanto nos países da Europa

---

<sup>3</sup> O Neocolonialismo foi um processo de exploração de caráter econômico, político e cultural onde as principais potências europeias, entre o final do século XIX e início do século XX, invadiram alguns países da África e da Ásia realizando total dominação e espoliação desses povos.

quanto nos Estados Unidos. Porém, rapidamente se expandiram para outros locais do mundo, ganhando acréscimos de acordo com as peculiaridades e singularidades de cada sociedade, todavia, buscando sempre a compreensão das relações desiguais de poder entre homens e mulheres.

A produção poética das mulheres da África que ora estamos analisando identifica-se com as causas nacionais e, conseqüentemente, contestam e criticam os europeus e os ocidentais de uma forma geral; outrossim, representam a expressão da classe letrada, ou seja, de um pequeno grupo de indivíduos que compõem a elite intelectual desses países. Dessa forma, é importante ressaltar que existiram outras maneiras dos nativos africanos expressarem sua indignação contra os europeus, incluindo a atuação política e até a luta armada.<sup>4</sup>

Para esta pesquisa, consideramos o universo das letras, mais especificamente da literatura, representada aqui pela poesia, como um campo profícuo no que diz respeito às contestações e críticas ao imperialismo europeu.

“Por poesia engajada entendemos toda produção poética que, atendendo ao apelo de um contexto sócio-político de repressão e arbitrariedade, secunde as preocupações do código estético em prol de mensagens supostamente subversivas que, dentro do limite tenso entre a liberdade de criação e exigência de comunicação didática, acreditam na poesia como instrumento fomentador de mudanças sociais.” (DUARTE e TORRES, 2009, p. 02).

Esse tipo de poesia no contexto de construção da independência desses países reflete a tentativa de afastamento do eurocentrismo, do ocidentalismo. Dentro do Neocolonialismo, havia um interesse muito forte dos europeus de se colocarem como superiores, como exemplos, por isso suas práticas, seus valores eram tratados como os ideais, aqueles que deveriam ser seguidos. “Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano.” (FERREIRA, 1979, p. 40). Ou seja, os elementos da cultura local eram considerados inferiores, menores se comparados aos costumes dos europeus. À luz da sociologia, essa postura dos europeus para com os povos da África configura-se como violência simbólica.<sup>5</sup>

Manuel Ferreira, em seu artigo “Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa”, estabelece uma diferenciação entre a literatura colonial e as

---

<sup>4</sup> José Craveirinha, por exemplo, fez parte da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). A FRELIMO foi criada em 1962 como um movimento político com a finalidade de lutar pela independência de Moçambique. Posteriormente, tornou-se um partido político. Muitos dos militantes da FRELIMO eram poetas e artistas, além de José Craveirinha podemos citar Rui Nogar e Malangatana.

<sup>5</sup> O conceito de violência simbólica foi criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). De acordo com esse conceito, a violência não se dá de maneira física. Na verdade, os danos provocados por esse tipo de violência são de caráter moral, psicológico. A violência simbólica na maioria dos casos se dá de maneira sutil e normalmente legítima uma cultura dominante, culminando com a internalização da violência sofrida pelos elementos passivos.

literaturas africanas de língua portuguesa. Segundo a interpretação de Manuel Ferreira, estas representam a afirmação das raízes africanas, das identidades, das culturas<sup>6</sup> do homem africano. Já o que o autor chama de “literatura colonial”, refere-se às produções literárias de quem aceita o sistema colonialista ou mesmo daqueles que, apesar de não o aceitarem, não conseguem enfrentá-lo ou denunciá-lo, apresentando, portanto, uma relação passiva com o sistema colonialista.

Assim sendo, no referido trabalho, Manuel Ferreira (1979) descreve as etapas de desenvolvimento das literaturas de língua portuguesa. Segundo ele, José Craveirinha e Noémia de Sousa fazem parte do chamado “terceiro momento”, que vai da primeira metade do século XX até as independências desses países, que vão acontecer na segunda metade do mesmo século.

Esse terceiro momento de construção dessas literaturas nacionais apresenta como características marcantes a consciência da exploração sofrida por conta do processo de colonização e, mais que isso, chega-se a um nível de maturidade histórico-político onde essas produções literárias passam a ser dotadas de uma visão crítica e, ao mesmo tempo, construtiva da realidade social e política desses povos. Esses escritores não só apresentam uma consciência da realidade política e histórica de Moçambique, mais que isso, apresentam em seus escritos as possibilidades de mudança. Essas mudanças estão pautadas na construção de uma identidade própria, livre dos costumes estrangeiros, e marcadas pela essência e historicidade desses povos. Ademais, José Craveirinha e Noémia de Sousa têm em comum o fato de serem representantes da chamada Negritude.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> A nossa escolha por utilizar a palavra culturas no plural surge da tentativa de reforçar que, apesar de analisarmos algumas produções literárias de intelectuais africanos, produções essas inseridas no contexto de crítica ao colonialismo, nós reconhecemos que os 54 países que compõem o continente africano possuem diferenças entre si, especificidades e peculiaridades. Apesar da causa anticolonialista ser muito forte em todas as partes do continente, não queremos tratar essa causa como uniforme, como única para toda a África, considerando, para isso, os diferentes aspectos históricos, lingüísticos e políticos que são próprios de cada país.

<sup>7</sup> O movimento da Negritude surge no início do século XX, quando estudantes africanos começam a frequentar universidades europeias. Uma vez morando na Europa, principalmente em países como Inglaterra e França, esses estudantes começaram a perceber muitas contradições, rivalidades e conflitos entre os próprios europeus. Essas percepções levaram esses jovens intelectuais a desconstruírem muito daquilo que foi propalado sobre a Europa através do Colonialismo. Assim, o movimento político-cultural da Negritude surgiu com reivindicações como valorização da cultura negra no mundo, combate ao eurocentrismo, valorização das identidades e originalidades dos povos da África. O principal lema dos adeptos da Negritude era “Restituir à África o orgulho do seu passado.” José Craveirinha e Noémia de Sousa são considerados vozes da Negritude.

## 2. A LITERATURA E O ANTICOLONIALISMO NA ÁFRICA

É necessário deixar claro que o Colonialismo não significou para os povos da África tão somente um processo exploratório de caráter eminentemente econômico. Mais que isso, o Colonialismo representou para o continente africano a tentativa de desestabilizar a originalidade e essência dos povos africanos a partir de um etnocentrismo<sup>8</sup> sem precedentes, que hipervalorizava a cultura ocidental, sobretudo europeia, enquanto relegava a um segundo plano as práticas e costumes característicos dos povos africanos. Logicamente, o colonizador agiu com o intuito de que o próprio africano enxergasse sua cultura como uma cultura menor, menos importante, secundária.

“Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.” (CÉSAIRE, 1978, p. 24).

Conforme aponta o político, poeta e representante da Negritude, Aimé Césaire, o Colonialismo trabalhava em várias frentes: econômica, política, social e cultural. Destarte, alguns dos intelectuais africanos desenvolveram uma verdadeira força tarefa visando ressignificar o passado para enaltecer os costumes e feitos dos nativos. Assim, a vertente social característica das literaturas africanas de língua portuguesa está fundamentada na necessidade de valorização da cultura africana e essa valorização está pautada no autoconhecimento.

“Na literatura africana de língua portuguesa, ao contrário, tudo se passa, tudo se elabora de modo inteiramente diferente. A raiz do discurso desta literatura é na verdade o homem africano que não funciona já nos textos como por mero acidente mas sim como entidade soberana, que de fato é, no seu mundo específico. O centro do universo narrativo ou poético é o homem africano, enquanto ao branco, como elemento real de presença e actuação, se lhe confere o tratamento adequado.” (FERREIRA, p. 39, 1979).

Dessa maneira, a atividade literária constitui uma oportunidade para que poetas e escritores valorizassem as práticas culturais de seu povo, seus costumes, tornando os seus escritos, a sua poesia, um verdadeiro instrumento de resistência que enseja a libertação dos indivíduos ao mesmo tempo em que fortalece o sentimento de pertencimento, de identificação coletiva de maneira a eliminar os efeitos da desvalorização, da desqualificação dos povos da África advindos do Imperialismo. No poema “Manifesto”, de José Craveirinha, é muito clara essa valorização dos hábitos e costumes do homem africano, considerando e ressaltando a sua

---

<sup>8</sup> Segundo a Antropologia, o comportamento etnocêntrico é aquele onde os indivíduos ou uma dada sociedade coloca como plano ideal os seus próprios costumes, suas próprias práticas e vivências de maneira que tudo aquilo que é diferente é considerado inferior.

própria linguagem sem considerar nada advindo do processo de aculturação. É notório um sentimento de orgulho da sua própria cultura:

“(...) Ah, Mãe África no meu rosto escuro de diamante  
de belas e largas narinas másculas  
frementes haurindo o olor florestal  
e as tatuadas bailarinas macondes  
nuas  
na bárbara maravilha eurítmica das negras ancas sensuais  
e no bater uníssonos dos pés descalços.  
Oh! e meu peito da tonalidade mais bela do breu  
e no imbondeiro da minha inaudita esperança gravado o tótem  
[do Mundo  
e minha voz estentórea de homem do Tanganhica  
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal. (...)”<sup>9</sup>

É importante destacar que ao utilizar a expressão “Mãe África”, o autor está unindo todos os povos da África com a finalidade de demonstrar que existe uma causa comum, um intento comum, e este intento é a autovalorização das suas culturas, das suas raízes em detrimento daquilo que foi imposto pelos europeus a partir do Neocolonialismo. O apelo em utilizar características físicas, como descrito em “belas e largas narinas másculas” e “negras ancas sensuais”, aparecem como elogios, como importantes, valorosas e ao mesmo tempo predominantes entre os povos desse continente. Outro aspecto importante que reforça a valorização da cultura local é a referência aos macondes. Quando Craveirinha cita “(...) e as tatuadas bailarinas macondes nuas”, ele faz referência a um grupo étnico que faz parte de um grupo bem maior chamado bantus. Os macondes vivem em várias regiões da África, dentre elas Moçambique.

Por outro lado, é importante destacar que no início do século XX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, surgiu um amplo movimento que teve sua origem entre os imigrantes africanos que por lá viviam. Esse movimento tinha como objetivo maior a tomada de consciência da população negra na tentativa de valorizar suas raízes, inclusive no sentido de reconhecer sua importância para o continente europeu, bem como para os Estados Unidos.

---

<sup>9</sup> CRAVEIRINHA, José. “Manifesto”. In: CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 5.

Eram moçambicanos, angolanos, cabo-verdianos e outros africanos que deixaram seus países e foram morar na Europa e nos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida.

Dentro desse processo, esses nativos passaram a ter contato com outras culturas, com outros povos. Dessa forma, os intelectuais africanos sofreram influência desses patrícios que não mais moravam na África. Esse é o caso do movimento cultural denominado Renascimento Negro, que teve origem no bairro de Nova York denominado Harlem e tinha como marca maior a produção de poesias, música (principalmente o jazz), fotografia, dentre outros elementos artísticos, por negros descendentes de escravizados.

Porém, é importante destacar que diferente da Negritude, o Renascimento Negro se desenvolveu a partir de jovens africanos que imigraram para os Estados Unidos e Europa em busca de melhores condições de vida, ou seja, não foram para estudar como no caso do movimento da Negritude. Todavia, o Renascimento Negro foi outro movimento político-cultural que exerceu grande influência sobre a arte e a literatura africanas e, claro, a moçambicana, influenciando também Noémia de Sousa e José Craveirinha.

No poema “Deixa Passar o meu Povo”, de Noémia de Sousa, ela remonta diretamente ao Renascimento Negro quando cita “negros de Harlem”, “vozes da América”. Ademais, Noémia de Sousa refere-se aos africanos de uma forma geral como família. Essa é a grande característica de ambos os movimentos. Tanto a Negritude quanto o Renascimento Negro enalteceram todos os africanos, independentemente de fronteiras. Ser africano, nesse contexto de repulsa e de combate ao sistema colonial, envolvia todos os povos da África, não importando a nacionalidade. Todos estão empenhados em uma mesma luta: a de reconhecer os valores e riquezas dos povos da África e, conseqüentemente, combater o eurocentrismo.

“Em minha casa de madeira e zinco,  
 abro e deixo-me embalar...  
 Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.  
 E Robeson e Marian cantam para mim  
 sprituais negros de Harlem.  
 ‘Let my people go’  
 - oh deixa passar o meu povo! –  
 dizem. (...)  
 E enquanto me vierem de Harlem  
 vozes de lamentação

e meus vultos familiares me visitarem (...)”<sup>10</sup>

As experiências desses nativos que não mais moravam em solo africano repercutiram nos vários países da África. No campo da música, da poesia e da fotografia era possível enxergar essa tomada de consciência, essa vontade de autovalorização e de autoconhecimento. Dessa maneira, o Renascimento Negro, no início do século XX, mais precisamente na década de 1920, estava repercutindo e de maneira organizada nas produções literárias dos poetas e escritores africanos. O principal objetivo era rechaçar qualquer forma de dominação. Os intelectuais africanos foram os principais representantes desse movimento artístico cuja marca maior era o desejo de emancipação.

Nas mais diversas manifestações artísticas era possível perceber esse processo de tomada de consciência da realidade, da condição de espoliação, de exploração a qual os negros eram submetidos há séculos. Na literatura moçambicana, José Craveirinha e Noémia de Sousa foram pioneiros nesse processo. Nas suas poesias era nítido o sentimento de autovalorização do continente africano e de valorização da causa negra. Esse sentimento de tomada de consciência, bem como de valorização das origens africanas, particularmente moçambicana nesse caso, foi muito explorado nas poesias desses dois autores, os quais foram influenciados não só pelo Renascimento Negro e pela Negritude, mas também pelo próprio pan-africanismo<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Poema “Deixa Passar o meu Povo”. Ver: <<https://www.revistatransas.com/2017/10/07/cinco-decadas-de-poesia-recuperada-em-sangue-negro-2001-de-noemia-de-sousa-portugues/>> O acesso foi em 07 de dezembro de 2021.

<sup>11</sup> Pan-africanismo foi um movimento de caráter político-cultural que se desenvolveu no século XX com o objetivo de dar voz ao povo africano. Todos os países do continente estavam reunidos com o intuito de combater os preconceitos que os povos da África eram vítimas há séculos, bem como dar visibilidade ao continente a partir do resgate de seus valores e riquezas culturais.

### 3. A CONSTRUÇÃO DA MOÇAMBICANIDADE NA OBRA DE JOSÉ CRAVEIRINHA E NOÉMIA DE SOUSA

Refletir sobre a literatura africana do final do século XIX e início do século XX é refletir sobre uma literatura que se debruça sobre a valorização dos povos da África e que tem como influência três grandes movimentos: Negritude, Renascimento Negro e Pan-africanismo. No caso específico da nossa pesquisa, não há como falar em construção da moçambicanidade em José Craveirinha e em Noémia de Sousa sem levar em consideração a existência desses três movimentos.

Quando se estuda obras e produções literárias, é muito importante considerar a relação entre a produção literária e a biografia do seu autor. Normalmente, a vida de um literato guarda estreita ligação com sua obra. A vida do autor, bem como o contexto histórico em que ele viveu, influenciam suas produções. Nesse sentido, consideramos indispensável apresentar ao nosso leitor um pouco da vida de José Craveirinha e de Noémia de Sousa.

José João Craveirinha nasceu em 28 de maio de 1922 em Lourenço Marques, que posteriormente passou a se chamar Maputo, capital de Moçambique. Faleceu em 06 de fevereiro de 2003, na cidade de Maputo. Era filho de pai português e de mãe moçambicana. Foi jornalista, poeta e escritor, porém foi como poeta que Craveirinha mais se destacou, pois é considerado o maior poeta de Moçambique. Para o motivo do seu destaque, Craveirinha foi o primeiro escritor africano a receber o Prêmio Camões.<sup>12</sup> Segundo o próprio Craveirinha, em um pequeno texto biográfico que escreveu sobre si mesmo, ele nasceu pela segunda vez quando descobriu que era mulato.<sup>13</sup> É indispensável mostrar que a condição de “mulato” refletiu-se na poesia de Craveirinha, pois em seus escritos há um constante esforço em ressaltar a cultura de Moçambique como uma cultura marcada pela hibridização:

“Ah, sangue de minha mãe  
chigubo está chamar

<sup>12</sup> O Prêmio Camões foi criado em 1988 através de uma parceria entre o governo português e o governo brasileiro com a finalidade de estreitar os laços entre os países lusófonos, de forma que só é agraciado com o prêmio pessoas que procedem de Portugal, Brasil ou de países africanos que falam a Língua Portuguesa. A premiação tem caráter pecuniário e é entregue a personalidades do mundo literário e cultural. O escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, o moçambicano Mia Couto, o brasileiro Chico Buarque de Holanda foram alguns dos agraciados com o Prêmio Camões ao longo desses 33 anos. Ver: <<http://www.gepac.gov.pt/premios/premio-camoes.aspx>> e <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/premio-camoes-vai-para-autora-mocambicana-paulina-chiziane.shtml>>. Acesso em 06 de dezembro de 2021.

<sup>13</sup> Em janeiro de 1977, Craveirinha escreveu um pequeno texto autobiográfico onde disse ter nascido pela primeira vez em 28 de maio de 1922 e pela segunda vez quando fizeram que ele se autodescobrisse mulato. Esse texto autobiográfico está disponível em: <<https://www.revistas.usp.br> > article > download> Acesso em 06 de dezembro de 2021.

chigubo está chamar com força de batuque  
 eu vou entrar no chigubo com João, Tembe, Chang, Mussagi  
 e dançar no chigubo  
 sangue de minha mãe com sangue de toda gente.”<sup>14</sup>

No poema “Sangue da minha mãe”, Craveirinha diz que vai “entrar no chigubo com João, Tembe, Chang, Mussagi”, posteriormente diz que vai dançar no chigubo com “toda a gente”. Chigubo é uma dança tradicional de Moçambique, portanto remonta à cultura, às tradições desse povo de maneira que ao citar diversos nomes próprios, ele quer dizer que se identifica com todo o povo, com todas as diferenças étnicas e culturais que formam Moçambique.

No livro Chigubo encontramos 32 poemas e todos eles, sem exceção, referem-se à terra. Quando falamos terra, estamos nos referindo às origens, ao local onde se guarda uma identificação, onde se guardam muitas memórias. Porém, é possível apreender que essa terra não se resume ao local de nascimento de Craveirinha, ou seja, Moçambique. “Basicamente, a África afigurava-se um conglomerado de Estados tropicais cujas populações deveriam ao mesmo tempo ser arregimentadas e dirigidas pelos europeus, para fins determinados a partir do exterior.” (BETTS, 2010, p. 353). Na verdade, nessa coletânea de poemas há um conjunto de elementos linguísticos, fonéticos, culturais, políticos e históricos que resgatam um sentimento de identidade dos povos da África que viveram sob o signo da exploração do Neocolonialismo. Portanto, essa terra a que nos referimos ultrapassa a questão propriamente nacional, ela é a terra africana, ou melhor, as terras africanas, tendo em vista que há elementos, realidades histórico-políticas que unem os povos da África em uma só causa. Essa lógica que transpõe fronteiras está diretamente relacionada à construção da identidade cultural desses povos e ao combate ao pacto colonial.

No poema “Grito Negro”, José Craveirinha remonta ao contexto da imigração de moçambicanos para a África do Sul. Esse movimento migratório teve início no final do século XIX e encontrou na década de 1970 o seu ápice, marcando não só a economia, mas ainda a história do povo de Moçambique. Na década de 1970, no auge da mineração de carvão na África do Sul, essa indústria chegou a empregar mais de 100 mil moçambicanos. No poema “Grito Negro”, Craveirinha denuncia e exploração sofrida por esses mineiros moçambicanos:

“Eu sou carvão!

---

<sup>14</sup> CRAVEIRINHA, José. “Sangue da minha mãe”. In: CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 28.

E tu arrancas-me brutalmente do chão  
 e fazes-me tua mina, patrão.  
 Eu sou carvão!  
 E tu acendes-me, patrão,  
 para te servir eternamente como força motriz  
 mas eternamente não, patrão.  
 Eu sou carvão  
 e tenho que arder sim;  
 queimar tudo com a força da minha combustão.  
 Eu sou carvão;  
 tenho que arder na exploração  
 arder até às cinzas da maldição  
 arder vivo como alcatrão, meu irmão,  
 até não ser mais a tua mina, patrão.  
 Eu sou carvão.  
 Tenho que arder  
 Queimar tudo com o fogo da minha combustão.  
 Sim!  
 Eu sou o teu carvão, patrão.”<sup>15</sup>

Ao dizer “E tu acendes-me, patrão, para te servir eternamente como força motriz mas eternamente não, patrão”, Craveirinha ressalta a difícil condição de exploração a que o mineiro é submetido, começando pela situação de ter que deixar a sua terra. Aquele jovem moçambicano sai de sua terra para a África do Sul porque sonha em melhorar de vida, porque sonha em progredir, em vencer. Ou seja, há uma necessidade. Além disso, Craveirinha desafia a figura do patrão, do capitalista em “(...), mas eternamente não, patrão”, justamente pensando em melhores condições de vida em seu país de origem, o que possibilitaria o fim dessa saída massiva de moçambicanos para a África do Sul, onde seus patrícios não tenham que se submeter a relações de trabalho desse tipo.

A professora Ana Mafalda Leite define Noémia de Sousa como: “(...) esta voz feminina pioneira e insólita, muito jovem, e porventura circunstancial (apenas quatro anos de publicação), antecede, no entanto, a maioria dos poetas moçambicanos na abordagem de temas ligados à exaltação dos valores africanos, espírito de fraternidade e consciência

<sup>15</sup> CRAVEIRINHA, José. “Grito Negro”. In: CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 27.

colectiva e denúncia colonial.” (LEITE, 1998, p. 102). Efetivamente, Noémia de Sousa é uma escritora de muito destaque, conhecida por muitos como a mãe dos poetas moçambicanos. Da mesma forma que Craveirinha, buscou através de seus poemas denunciar a realidade de exploração e espoliação em que viviam os povos da África, sobretudo os moçambicanos.

Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares nasceu em 20 de Setembro de 1926 em Catembe, Moçambique. Viveu os primeiros anos de sua vida em sua terra natal, posteriormente foi morar em Maputo, capital do seu país. Muito cedo aprendeu a ler com seu próprio pai, que era funcionário público e era um homem que valorizava por demais as artes e a literatura. Noémia de Sousa era mestiça de ambos os lados. Apesar de seu pai possuir ascendência portuguesa, era nascido em Moçambique. Sua mãe era filha de um alemão com uma moçambicana de etnia ronga. Destarte, Noémia de Sousa era uma mulher que possuía uma origem, do ponto de vista cultural, bastante diversificada.

Noémia foi poetisa, tradutora, jornalista e militante política. Durante treze anos, entre os anos de 1951 e 1964, morou em Lisboa, Portugal, onde trabalhava como tradutora. Nesse período, devido às suas posições políticas, que faziam oposição ao governo português, à época o governo de Antonio de Oliveira Salazar, Noémia de Sousa sofreu diversas represálias até que foi expulsa do país, exilando-se em Paris. Aqui no Brasil, Noémia de Sousa só tem um livro publicado, que é o seu livro de poesias intitulado “Sangue Negro”.

Assim como José Craveirinha, Noémia de Sousa fez duras críticas ao sistema colonial ao mesmo tempo em que ressaltava a resistência e o desejo de mudança do povo africano. O seu estilo de escrever, caracterizado por longas estrofes, enseja a conexão com a longa tradição oral do povo africano.

“Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara  
sobre o branco egoísmo dos homens  
sobre a indiferença assassina de todos. (...)  
Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,  
nossa voz gorda de miséria,  
nossa voz arrastando grilhetas  
nossa voz nostálgica de impis  
nossa voz África  
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra  
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!  
Nossa voz que descobriu até ao fundo,  
lá onde coaxam as rãs,

a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,  
da simples palavra ESCRAVIDÃO:  
Nossa voz gritando sem cessar,  
nossa voz apontando caminhos  
nossa voz shipalapala  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz, irmão!  
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!”<sup>16</sup>

Da mesma forma que Craveirinha, ao repetir enfaticamente “Nossa voz”, ela não se refere tão somente à voz dos moçambicanos, mas de todos os povos da África. Essa postura de falar no plural, de destacar o “Nós” ao invés do “eu”, é uma marca desses poetas influenciados pela negritude, tendo em vista que há uma necessidade de pensar coletivamente, politicamente. Essa é, pois, uma marca da poesia engajada.

No poema “Negra”, Noémia de Sousa apresenta de maneira discreta, mas ao mesmo tempo altamente crítica, a forma como a mulher negra africana é vista pelo colonizador. De acordo com Noémia de Sousa, além dos muitos terríveis traumas trazidos pelo colonialismo, pela escravidão, existe um que atinge especificamente as mulheres: o machismo, marcado pela violência sexual.

“(…) E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,  
jarra etrusca, exotismo tropical,  
demência, atracção, crueldade,  
animalidade, magia...  
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.  
Em seus formais cantos rendilhados  
foste tudo, negra...  
menos tu (...)”<sup>17</sup>

Ao frisar “foste tudo, negra... menos tu”, Noémia apresenta de forma eufêmica como a mulher foi tratada pelo colonizador. O Neocolonialismo conseguiu que a mulher negra africana deixasse a si mesmo. Afasta-se de sua essência para atender às necessidades, à visão, ao pensamento do europeu. Dessa forma, a violência dos europeus para com os povos

<sup>16</sup> Poema de Noémia de Sousa intitulado “Nossa Voz”. Ver: <<https://www.tudoepoema.com.br/noemia-de-sousa-nossa-voz/>> O acesso foi em 08 de dezembro de 2021.

<sup>17</sup> Poema de Noémia de Sousa intitulado “Negra”. Ver: <<https://conselhodeclasse.com/negra-um-poema-de-noemia-de-souza/>> Acesso em 06 de dezembro de 2021.

da África ultrapassou os limites econômicos, políticos e sociais, adentrando a violência de gênero, pois atinge diretamente as mulheres simplesmente pelo fato de serem mulheres. Isso Noémia de Sousa retratou muito bem em seus poemas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de independência dos países africanos que ocorreram no século XX não podem ser compreendidos como simples processos de separação política. Estes se caracterizaram, principalmente, como movimentos de resistência ao Colonialismo. Portanto, a separação política entre as metrópoles europeias e suas respectivas colônias africanas foi marcada por uma luta incessante da parte dos nativos no sentido de zelar, respeitar e reconhecer os valores locais, ou seja, promover a desvinculação das características e valores eurocêntricos. Ademais, foi marcada pelo repúdio ao racismo e à exploração econômica.

Fatores nacionais e internacionais contribuíram com a construção desses sentimentos de nacionalismo. Internamente, a história oral propagada pelos mais velhos, a violência cada vez mais presente e mais forte praticada pelos colonizadores, a desvalorização e completa descaracterização das culturas locais em detrimento da cultura europeia. Externamente, três grandes movimentos culturais favoreceram a construção dos nacionalismos africanos: a Negritude, o Renascimento Negro e o Pan-africanismo. Ademais, a literatura também constituiu um importante alimento para a construção desses nacionalismos. No caso específico da nossa pesquisa, Moçambique teve destaque no que diz respeito à relação entre as produções literárias e a construção da moçambicanidade.

Nesse sentido, a produção poética de José Craveirinha e Noémia de Sousa representa formas de resistência ao colonialismo ao enaltecer as práticas culturais dos antepassados, ao denunciar a violência para com os nativos, as práticas violentas e segregadoras que eram inerentes ao imperialismo europeu; outrossim, a denúncia dos roubos às riquezas e recursos naturais e a exploração econômica das populações locais e, conseqüentemente, o enriquecimento dos países exploradores. Destarte, a produção poética de Craveirinha e Noémia de Sousa contribui com a construção da moçambicanidade por destacar elementos de natureza cultural, social e política que fazem parte da constituição identitária do povo de Moçambique.

Além disso, é relevante destacar que a formação da literatura nacional de Moçambique, produzida pelos moçambicanos e para os moçambicanos, tem relação direta com a atuação política desses escritores. Acreditamos que se José Craveirinha e Noémia de Sousa não tivessem experimentado a militância política, não teriam desenvolvido uma escrita tão apurada, tão lapidada, tão sensível aos problemas sociais herdados do colonialismo. Ambos os poetas demonstram, antes de tudo, conhecer a história de seu povo. Mais que isso, uma história de baixo para cima, crítica e construtiva.

## REFERÊNCIAS

- BETTS, Raymond F. (revisão de A. I. Asiwaju). A dominação europeia: métodos e instituições. In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 13, pp. 352 – 375.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Prefácio de Mário de Andrade. [S. l.]; Cadernos Livres n.15. 1978
- CHAVES, Rita. “Angola e Moçambique: o Lugar das diferenças nas identidades em Processo”. In: **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial: 2005, p. 247-261.
- CIPRIANO, L. **A gênese da FRELIMO: os grupos e interesses na formação da Frente de Libertação Moçambicana (1964-1974)**. 84f. Dissertação (Mestrado). Academia militar. Lisboa, 2010.
- CRAVEIRINHA, José. “Hino à minha terra”. In: CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963.
- DUARTE, Roselany de Holanda & TORRES, José Wanderson Lima. **O discurso poético engajado: uma abordagem interdisciplinar das aporias da poesia engajada**. Revista Linguagem. São Carlos, v.1, n.1, p. 1-16, abr.. 2009.
- FERREIRA, Manuel. **Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Revista do Centro de Estudos Portugueses, [S.1], v.2, n.3, p. 39-47, jun. 1979. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br>> Acesso em 06 de janeiro de 2022
- GASPARETTO, Vera F. “O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África”. In: **Revista de Estudos Feministas**, vol.28, no.1, Florianópolis, jun. 01/2020, p. 1-16: Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2020000100506](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100506)>. Acesso em 29 de novembro de 2021.
- GOMES, S.C. **Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão**. Via Atlântica. Nº 16, dez. 2009.

LEITE, Ana Mafalda. “Voz, origem, corpo, narração: poesia de Noémia de Sousa”; “Canto, Recitação, Memória: poesia de José Craveirinha”. In: **Oralidades & Escritas nas literaturas africanas**, p. 101-118.

MAQUÊA, Vera. **Política e ideia de nação em Xigubo, de José Craveirinha**. [Rio de Janeiro]; Mulemba, v. 1, p. 116-125, 2014.

NOA, Francisco. “Literatura moçambicana: os trilhos e as margens.” In: Ribeiro, Margarida Calafate et alu. **Moçambique – Das Palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 35-45.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **As literaturas africanas de língua portuguesa: um percurso de cantos e desencantos**. In: Vernaculum, Petrópolis, v. 3, n. 3, set. 2011. Disponível em: <<http://seer.ucp.br/seer/index.php/vernaculum/article/view/1229>> Acesso em 06 de janeiro de 2022.

SOUSA, Noémia. “Se me quiseres conhecer”. In: \_\_\_\_\_. **Sangue Negro**. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 40-41. (PDF) Literatura Moçambicana

UZOIGWE Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. C ap. 2, pp.21 – 50.